

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS VI

ANA PAULA SILVA PALMA
DANIELLE SANTOS SOUZA

**A RECONSTRUÇÃO DO EU: ESCRITA E LEITURA
REINVENTANDO UM SER**

Caetité – BA
Janeiro/ 2013

ANA PAULA SILVA PALMA
DANIELLE SANTOS SOUZA

**A RECONSTRUÇÃO DO EU: ESCRITA E LEITURA
REINVENTANDO UM SER**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso – TCC no curso de letras com habilitação em língua portuguesa e literaturas do Departamento de Ciências Humanas, *campus* VI, Universidade do Estado da Bahia.

Orientador (a):

Prof.^a Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina

Caetité – BA
Janeiro/2013

ANA PAULA SILVA PALMA
DANIELLE SANTOS SOUZA

**A RECONSTRUÇÃO DO EU: ESCRITA E LEITURA
REINVENTANDO UM SER**

Trabalho apresentado à banca examinadora,
em cumprimento aos requisitos para
conclusão do curso de Letras com
Habilitação em Língua Portuguesa e
Literaturas, 2013.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina

Prof.^o Dr.^o Paulo Cezar Borges Martins

Prof.^o Dr.^o Ricardo Tupiniquim Ramos

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, pois, foram eles que desde a infância, nos levaram a perceber a importância da leitura e da escrita como possibilidades de recriarmos a nossa história.

Agradecimentos

Agradecemos a Deus pela força, saúde, sabedoria e coragem para atingirmos os nossos objetivos.

Aos familiares pelo amor, apoio e incentivo durante toda a nossa vida.

Aos nossos companheiros pela parceria e compreensão.

A professora Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina por ter nos orientado, pelo constante incentivo e por ter sido sempre dedicada, paciente e compreensiva.

Aos nossos professores que muito contribuíram para a nossa formação.

Aos nossos colegas, especialmente, as nossas *Best friends*, Anne Carla e Daiana, pelos momentos compartilhados, os quais ficarão para sempre guardados na memória.

- Muito bem, Carolina!
(Jesus, 2007, p. 74)

RESUMO

Frente à sociedade excludente, o poder elitizado e as condições subumanas em que vivem as classes marginalizadas, a leitura e a escrita surgem como instrumentos indispensáveis na formação do sujeito crítico/reflexivo na medida em que ampliam os horizontes, contribuem para a formação de uma sociedade consciente de seus direitos e deveres e possibilita que seus cidadãos tenham uma melhor visão de mundo e de si mesmos, auxiliando assim na libertação do sujeito. Buscamos com a presente monografia refletir como a leitura e a escrita são atividades importantes na formação do sujeito crítico/reflexivo e conseqüentemente funcionam como práticas de libertação a partir da análise do perfil leitor e escritor da autora e personagem Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Para tanto, os encaminhamentos metodológicos baseiam-se em pesquisa bibliográfica, por meio do método de revisão de literatura de autores que tratam dessa temática, tais como: Foucambert; Freire; Gadotti; Lajolo; Levine; Meihy; Lobo; Moreira; Romanelli; Santos; Silva; Souza; Yunes; Zilberman.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Carolina Maria de Jesus. Literatura Negra.

ABSTRACT

Considering the exclusionary society, the power of elite groups, and the subhuman conditions in which marginalized classes live, reading and writing emerge as indispensable tools in the formation of the critical/reflective subject as they broaden horizons, contribute to the formation of a society conscious of its rights and duties, and allow its citizens to have a better view of the world and of themselves, thus assisting in the liberation of the subject. Considering these issues, in the present monograph, we aim to reflect on how reading and writing are important activities in the formation of the critical/reflective subject and consequently serve as freeing practices through the analysis of the reader and writer profile of the author and character Carolina Maria de Jesus in her book *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Therefore, referrals are based on methodological literature, through the method of literature review of authors who address this issue, such as: Foucambert; Freire; Gadotti; Lajolo; Levine; Meihy; Lobo; Moreira; Romanelli; Santos; Silva; Souza; Yunes; Zilberman.

Keywords: Reading. Writing. Carolina Maria de Jesus. Black Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DA LEITURA E DA ESCRITA	4
1.1 A palavra e a pessoa	12
2. QUARTO DE DESPEJO: A MULHER, A PESSOA, A SOCIEDADE	18
2.1 A cor na pele, a cor na vida	24
3. A MÃO NEGRA NA LITERATURA: CAROLINA MARIA DE JESUS	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5. REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre, semianalfabeta, morava na favela, trabalhava como catadora de papel e cuidava sozinha de três filhos, porém, mesmo passando por inúmeras dificuldades, sobretudo a fome, lia todos os dias. Lia tudo que encontrava no lixo: jornais, revistas, também teve contato com algumas obras literárias durante o curto período em que estudou, o que fez com que ela transformasse sua vida, conseguiu publicar um livro e saiu da miséria. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada foi lançado em 1960, o sucesso foi tão grande que a obra vendeu mais de 70 mil exemplares em suas primeiras edições. Isso mostra que através da leitura e da escrita o ser humano pode reconstruir-se enquanto sujeito.

Em sua obra ela narra com detalhes a vida na favela, relata sua luta diária contra a fome, expõe seu orgulho enquanto mulher negra, faz críticas aos políticos e à sociedade da época, mas, sobretudo, deixa claro seu amor pela leitura e pela escrita e a certeza de que através dessas ferramentas ela se libertaria da condição em que se encontrava.

O gosto pela leitura fez de Carolina Maria de Jesus uma pessoa diferente daquelas com as quais ela convivia na favela. Quanto a isso, PINA; SAMPAIO (2001, p.136) afirmam que “o ato de ler pode transformar o leitor em um Sujeito de poder.” Isso se dá porque o ato de ler torna o indivíduo capaz de posicionar-se criticamente frente às situações que vivencia e/ou presencia em seu cotidiano, possibilitando que este tenha uma visão diferente de si e dos outros. Ainda de acordo com PINA; SAMPAIO (2001, p. 137)

O ato da leitura coloca o sujeito leitor no mundo, num processo simultâneo e recíproco de reconstrução. Ler dá ao mundo gamas novas de significação. Ler é transformar e transformar-se. O leitor torna-se Outro em relação a si mesmo.

Desse modo, percebe-se que frente à sociedade excludente, o poder elitizado e as condições subumanas em que vivem as classes marginalizadas, a leitura e a escrita passam a existir como meios de libertação, na medida em que amplia os horizontes e contribui para a formação de uma sociedade consciente de seus direitos e deveres.

Nessa perspectiva buscou-se nesse trabalho compreender como a leitura e a escrita são atividades importantes na formação do sujeito crítico/reflexivo e conseqüentemente funcionam como práticas de libertação a partir da análise do perfil leitor e escritor da autora e personagem Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

O desejo de investigar esta temática surgiu quando ainda estávamos no quarto semestre e conhecemos a obra de Jesus. Ao fazermos a leitura de seu texto, fomos tomadas por muitas indagações: Como uma mulher semianalfabeta pode apresentar tamanho senso crítico? Qual a real importância dos atos de ler e escrever na vida do sujeito? Tais práticas podem funcionar como instrumentos de libertação? Por que essa literatura afro-brasileira e tão realista não é discutida e valorizada na sociedade como forma de conscientização acerca dos problemas sociais?

Quanto à organização e apresentação dos resultados desta pesquisa, temos três capítulos respectivamente: “Da leitura e da escrita”; “Quarto de despejo: a mulher, a pessoa, a sociedade”; “A mão negra na literatura: Carolina Maria de Jesus”.

No primeiro capítulo “Da leitura e da escrita”, refletimos acerca dessas práticas na formação do sujeito crítico, bem como apontamos alguns elementos que envolvem o processo da leitura. Além disso, trazemos um breve contexto histórico de como estas atividades se desenvolveram na sociedade brasileira. Também discutimos algumas concepções de leitura na contemporaneidade, visto que esta não pode mais ser entendida como mera decodificação de palavras. Na segunda parte deste capítulo, apresentamos a autora Carolina Maria de Jesus e destacamos pontos importantes de sua formação como leitora e escritora.

No segundo capítulo, intitulado “*Quarto de despejo: a mulher, a pessoa, a sociedade*” fazemos uma abordagem sobre a trajetória da figura feminina em nossa sociedade e mostramos o contexto social e político nas décadas em que o livro foi escrito e publicado. Num segundo momento refletimos a condição histórica do negro e sua luta contra o racismo e busca pela igualdade de direitos. Fazemos tudo isso trazendo fragmentos do livro que demonstram o ponto de vista de Carolina Maria de Jesus com relação a estas questões.

No terceiro capítulo “A mão negra na literatura: Carolina Maria de Jesus”, discutimos a importância da literatura, sobretudo, a literatura negra mostrando a

trajetória do negro para se afirmar neste campo, cujo espaço lhes era negado. Também reafirmamos o valor de Carolina Maria de Jesus, já que sua obra cumpre uma das funções primordiais da literatura que é a humanização, uma vez que chama a atenção para inúmeros problemas que assolam a sociedade e precisam ser denunciados e combatidos.

Assim, percebemos que por meio de sua obra Carolina Maria de Jesus revisa valores, critica modelos e abre discussões calorosas com a visão particular sobre o coletivo e a sensibilidade de descrições reais que denotam força e coragem que nem mesmo a fome pôde aplacar, e isto se fez possível devido ao seu gosto pela leitura e escrita que lhe permitiu reconstruir-se enquanto sujeito e transformar sua história de vida.

Capítulo I

DA LEITURA E DA ESCRITA

Ser leitor é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, das coisas; é acreditar que se aprende o mundo quando se compreende o que o faz ser como é. (FOUCAMBERT, 1994, p.120).

A leitura é uma atividade complexa que envolve uma série de processos cognitivos utilizados pelo leitor ao identificar, decifrar e interpretar signos. É uma experiência que ocorre quando o leitor, com suas vivências e habilidades, entra em contato com o texto, e a partir de então, sentidos são criados, produzidos no confronto das relações socialmente construídas. Durante o ato de ler o leitor conta com seus conhecimentos prévios: linguísticos, textuais e de mundo.

Conforme Zilberman (2001), nenhum leitor absorve um texto de modo passivo. Ao contrário, o texto passa a existir diante da invasão do leitor, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência. Nesse sentido, YUNES (2001, p.191) aponta alguns elementos que compõem o processo da leitura são eles: memória, intersubjetividade, interpretação, fruição, intertextualidade e escrita.

De acordo com a autora, a memória não corresponde apenas à recuperação de momentos vividos, mas implica uma série de emoções, sentimentos, que perpassam o leitor em meio as suas lembranças. O ato de ler apela ao leitor por sua participação, e desse modo acaba provocando neste, suas memórias, posturas e opiniões, o que o leva a encontrar-se e refletir. A leitura consiste, portanto, em uma interação com as vivências de cada um, à medida que ao recordar suas experiências e avaliar o seu modo de ser e de agir, o leitor tem a oportunidade de conscientizar-se.

No que se refere à intersubjetividade, YUNES (2001) afirma que o leitor, ao tomar consciência de si mesmo no processo de conhecimento da sua realidade, do contexto cultural e a partir do que observa, elabora subjetivamente hipóteses. Diante disso, ele reconhece e identifica a imagem proposta, podendo ou não assumir para si. Dessa forma, o ato de conhecer envolve o sujeito e o objeto de conhecimento, dirigindo um olhar sobre o mundo que recai sobre si mesmo. Este conhecimento é formulado pelos sujeitos em sistemas de comunicação, em linguagens. E estas linguagens e a língua materna em especial, trazem marcas de seu uso pelos falantes, pois o lugar de onde uma palavra soa ou destoa em certo contexto, às vezes, não é percebida conscientemente e assim atravessa o nosso discurso

pessoal, ou seja, somos trespassados por uma permanente intersubjetividade, quer queiramos ou não.

Sobre a Interpretação, ela ressalta que na modernidade, devido ao redimensionamento do conceito de sujeito, com o fortalecimento do leitor no processo da significação discursiva, a definição de interpretação se alterou. Esta não é apenas o desvendamento dos mistérios do texto, mas sim, dos mistérios do próprio leitor. O ato de ler é carregado de intersubjetividade e memórias que se entrecruzam, resultando na interpretação. Assim, as experiências de leitura, de vida, as intertextualidades, as idéias do autor, as marcas do texto, tornam a interpretação um processo descentralizado, ou seja, a partir das referências contextuais que integram o universo do discurso, o leitor é capaz de formular sentidos para o que foi lido.

Em relação à fruição Yunes (2001) esclarece que ao adentrar no texto, o leitor pode envolver-se em uma série de sentimentos e emoções. Assim, uma sensação mista de necessidade e prazer é capaz de prevalecer durante algum tempo, não permitindo o esgotamento rápido das sensações.

Quanto à intertextualidade, a autora lembra que dificilmente, os sentidos e as representações do mundo se expressam numa única linguagem. Um texto é, portanto, o entrecruzamento de vários textos.

Sobre a escrita, ela destaca que o ato de ler não significa apenas debruçar-se sobre a escrita do outro, mas também é a formulação lenta da própria escrita em relatos e ações. Ler constitui-se como um ato através do qual o leitor toma consciência de si mesmo, do outro, da sua realidade e, a sua inscrição no mundo se dá através da escrita. Desse modo, a escrita é uma extensão da leitura.

Assim, após a exposição destes elementos que compõem a leitura é possível perceber que esta é um processo ativo e dinâmico, que implica em uma relação entre leitor, texto e contexto. Desse modo, ler não é apenas uma necessidade da vida escolar, mas também uma questão de sobrevivência, à medida que pode funcionar também como instrumento de libertação, uma vez que o sujeito pode libertar-se das condições históricas, econômicas e políticas que a sociedade impõe. Conforme SILVA(1995, p. 19-20),

A leitura é um importante instrumento para a libertação (...) Sendo um mecanismo específico de conscientização, a leitura se constitui numa forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, cujo resultado é

um situar-se constante frente aos dados dessa realidade, expressos e interpretados através da linguagem.

O ato de ler viabiliza ao leitor não apenas a aquisição de conhecimentos, mas, sobretudo, amplia os horizontes, o seu processo criativo, permitindo o acesso também ao mundo da imaginação. Neste, se pode sonhar, criar as mais diversas fantasias e viver os mais variados sentimentos, ou seja, lemos para saber, compreender, emocionar, entreter, refletir, enfim, lendo estamos vivos.

Dentro desse contexto, vale ressaltar que é impossível falar de leitura, sem relacioná-la a escrita. Para GADOTTI (1982, p. 17), “o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história.” Desse modo, a escrita pode ser entendida como uma forma de organizar o pensamento por meio de registros, preservar a memória, transmitir informações, falar de si e do outro, construindo e deixando marcas de sua própria história.

KRAMER (2003, p. 65-66) vê o exercício da leitura e da escrita como experiências que podem contribuir no processo de constituição de sujeitos sociais, críticos. Para ela, ler e escrever é:

(...) deixar-se marcar pelos traços do vivido e da própria escrita, reescrever textos e ser leitor de textos escritos e da história pessoal e coletiva, marcando-a, compartilhando-a, mudando-a, inscrevendo nela novos sentidos. (...) o que faz da escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraizam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se.

Isso mostra que através da leitura e da escrita o ser humano pode construir-se e reconstruir-se enquanto sujeito, pois se torna livre para pronunciar sua própria voz, manifestar seus desejos, reivindicar seus direitos e lutar por um mundo melhor. OSAKABE (1995, p.22) assim se refere à escrita e à leitura:

Eu entenderia por escrita propriamente dita a possibilidade de o sujeito ter o seu próprio discurso. E se se entende por leitura a compreensão, se entende por leitura o acesso a um conhecimento diferenciado, aquele que lhe permite reconhecer a sua identidade, seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive e, sobretudo, a compreensão, assimilação e questionamento, seja da própria escrita, seja do real em que a escrita se inscreve.

A leitura possibilita, portanto, uma melhor compreensão do mundo, nos permite enxergá-lo de outra maneira, com outras realidades possíveis, nos fornecendo perspectivas. E por meio da escrita, que surge por conta de uma reflexão do sujeito sobre o mundo, ele se inscreve naquilo que escreve, deixa suas marcas, traços, pode reinventar-se e ressignificar-se. YUNES (2001, p.195) também compartilha desta idéia, quando enfatiza que

Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo.

Diante disso, percebe-se que a leitura e a escrita precisam ganhar mais espaço na vida das pessoas, uma vez que estas, além de serem fontes de conhecimento, são também atividades enriquecedoras e prazerosas, que estimulam a criatividade e desenvolvem o senso crítico, possibilitando ao indivíduo ter uma maior percepção da realidade em que vive, podendo agir de maneira consciente e livre. Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios propiciados por estes atos, ainda há um grande desinteresse por tais práticas. Este problema está intimamente relacionado ao contexto histórico-social em que elas se desenvolveram. SILVA (1997, p. 46-49) ressalta que

(...) o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social; é praticamente impossível discutir as vivências ou carências de leitura de um indivíduo sem situá-lo dentro das contradições presentes na sociedade onde ele vive. (...) A raridade de leitura e, portanto, de leitores na sociedade brasileira é um mero reflexo de uma política "caolha", que domestica os homens e impede o exercício da consciência e da razão. Esclarecer esse problema é um dever; denuncia-lo é uma obrigação moral.

Por muito tempo, o aprendizado da leitura e também da escrita eram negadas a alguns segmentos da população, as mulheres, os pobres e, sobretudo, aos negros, pois, se estas atividades fossem tomadas como conscientizadoras dos fatos sociais por parte do povo, era interessante ao poder dominante dificultar o acesso a

estas práticas. Dito isso, cabe aqui destacar um pouco da história da leitura e da escrita no Brasil.

Durante o período colonial, a escola tinha como objetivo, a formação de indivíduos passivos, e não ativos, críticos/reflexivos, a fim de impor e preservar a cultura de matriz europeia. A colônia não tinha, portanto, interesse em investir na educação, ao contrário, sua função foi a de manter privilégios de classes, reforçando as desigualdades. Para SILVA (1986, p.27) “a elitização do livro não ocorre ao acaso - ela é parte de uma política que intencionalmente quer manter o povo na ignorância e na alienação de modo que a manipulação ocorra sem conflitos e sem contestações”.

A educação era ministrada pelos jesuítas, que tinham como objetivo catequizar os índios. No entanto, essa intenção que no início era o objetivo principal, cedeu lugar à educação da elite. Desse modo, eles acabaram também ministrando a educação para a população branca, exceto as mulheres. Parte da população elitizada que não seguia carreira eclesiástica prosseguia os estudos na Europa. Assim, neste período a leitura e a escrita eram práticas restritas a poucos. Nesse contexto, YUNES (1989, p. 26) assinala que

A questão da leitura, no Brasil, data da época colonial, cujo sistema de dominação impedia que a educação se popularizasse, como forma de manter o povo alienado da informação e do poder. Em consequência, o acesso à participação ficava restrito às elites culturais e econômicas, que enviavam seus filhos para estudar na Europa colonizadora. Assim, durante o período colonial inexistia um sistema de difusão cultural, uma vez que a imprensa local era proibida, as raras bibliotecas eram guardadas nos mosteiros e não havia uma massa de leitores que pudesse levar os escritores a modificar seus padrões europeus.

Com a ascensão do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos devido as diferenças em relação aos interesses da corte, o que desestruturou o ensino. A substituição destes levou um período de aproximadamente treze anos. Em 1808 com a presença da Família Real no Brasil, a situação não se alterou muito, porém, para atender as necessidades de sua estadia no país, D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e a Imprensa Régia. Em seguida, ele retorna para Portugal e só volta ao Brasil em 1821.

No ano de 1822 seu filho D. Pedro I proclama a Independência do Brasil e, em 1824, outorga a primeira Constituição Brasileira, que instituí a instrução

primária gratuita para todos os cidadãos. Entretanto não empenhou-se em tornar efetiva esta disposição, sem a atribuição de responsabilidades para que de fato se concretizasse uma política nacional de educação. Em 1834, o ato adicional a constituição dispõe que as províncias passariam a ser responsáveis pela administração do ensino primário e secundário. A partir de então, surge a primeira Escola Normal do país, em Niterói e o Colégio Pedro II na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, estas fundações não foram bem sucedidas.

Na primeira República, houve também várias reformas no ensino, porém todas não passaram de tentativas frustradas. Na época da Segunda República o plano econômico se caracterizava pela Revolução de 1930 com a entrada do Brasil no mundo capitalista de produção. Diante dessa nova realidade brasileira, houve a necessidade de capacitação de mão-de-obra especializada e para isso era preciso investir na educação.

Em 1932 um grupo de educadores lança o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por outros educadores da época. Com a idéia de que a educação era um dever do estado, Azevedo acreditava que a escola era um direito de todos. Nessa perspectiva, as diferentes instâncias de intervenção, educação e assistência deveriam colaborar na composição de um projeto que facultasse à ampliação da escolarização a população, até então, excluída da escola, bem como na modelação das relações professor-aluno, dos tempos escolares, dos materiais e dos métodos pedagógicos. A escola, deste modo, deveria atuar como centro irradiador de uma obra educativa capaz de realizar a transformação social.

No período do estado Novo (1937 a 1945), é outorgada uma nova constituição, mas as conquistas do movimento renovador que influenciou a constituição de 1934 enfraqueceram neste período. A orientação político-educacional para o mundo capitalista sugere a preparação de um maior contingente de mão de obra para as novas atividades abertas pelo mercado, definindo uma distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional para as classes menos favorecidas.

Na Nova República, iniciada a partir de 1946 adotou-se outra Constituição esta de caráter liberal e democrático que determinava a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário. Daí é dada a União a competência para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Além disso, a nova Constituição fez voltar

a lei de que a educação é direito de todos, inspirada nos princípios proclamados pelos Pioneiros no Manifesto da Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30.

Em 1964, o golpe militar acaba com todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, uma vez que, professores foram demitidos e presos, estudantes feridos em confronto com os policiais que agiam de forma violenta nas ruas a fim de silenciar a voz de professores e estudantes que tentaram manifestar-se contra seus ideais.

Com o fim desse regime as discussões educacionais retornam, com debates sobre as questões pertinentes à escola, à sala de aula, à didática e a relação entre professor e aluno. Contudo, este breve percurso histórico nos mostra que a educação brasileira não avançou muito em relação à qualidade e, portanto, não consegue atender às necessidades de todos os segmentos da população.

A escola assume papel fundamental na vida do educando. Cabe a ela proporcionar a aquisição efetiva das práticas de leitura e escrita, para que este seja de fato um cidadão, crítico/reflexivo, criativo, livre. Como afirma SILVA (1995, p. 51) “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas...” YUNES (2001, p. 2) ainda acrescenta que a leitura é,

[...] a mais cara moeda do século: quem está informado pode com mais rapidez e clareza fazer escolhas. [...] Sem dúvida a leitura por si só, não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas ter opções, compreender as situações, é menos amargo do que ser levado, sem domínio, ao que se passa em torno.

A aprendizagem da leitura é fundamental, tanto no nível da escola como fora dela. Hoje em dia, muitos pesquisadores compartilham a ideia de que ler, tanto textos verbais como não verbais, significa produzir e construir sentidos. Para LAJOLO; ZILBERMAN (1982, p.59),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

A leitura implica em uma relação entre texto e contexto. O leitor ao se deparar com um texto, interpreta-o e questiona-o, estabelecendo com ele uma interação crítica. FOUCAMBERT (1994, p. 05) define o ato de ler como uma maneira de ser questionado pelo mundo e por si mesmo, o que gera uma ação crítica do sujeito no mundo:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. Um poema, ou uma receita ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.

Todos nós lemos a nós próprios e o mundo ao nosso redor. Segundo RESENDE (1993, p. 23), a leitura é uma possibilidade de abertura ao mundo e, por isso, permite um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo:

A leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.

Assim, a cada leitura que faz, o leitor traz consigo suas experiências, cultura, valores e uma pluralidade de interpretações. FREIRE, (1985, sp.) afirma que, antes mesmo de dominar a leitura da palavra, antes de ir para a escola o indivíduo lê o mundo a sua volta:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Mediante o exposto, vale ressaltar que ao experimentar a leitura, o ser humano é capaz de compreender melhor o mundo, tornar-se sujeito da sua própria história e

conscientizar-se da sua participação social e política. Assim sendo, é imprescindível que a sociedade convença-se da força libertadora e construtiva da leitura e também da escrita.

1.1 A palavra e a pessoa

Quem gosta e faz uso das atividades de leitura e escrita sabe do poder transformador que estas práticas assumem na vida de cada um. Na vida da escritora Jesus, estas atividades representaram: fuga da miséria, fonte de denúncia social, afirmação identitária, realização de sonhos.

Carolina Maria de Jesus abalou o Brasil dos anos 60. Esta década é caracterizada por alguns acontecimentos históricos tais como: movimentos culturais de contestação por parte dos jovens, que se manifestavam através do movimento hippie, do rock, e tinham como objetivo a preservação da cultura nacional, além de tecer críticas a sociedade vigente. Instaura-se também nesta década o Regime da Ditadura Militar configurado pela repressão, censura e tortura de pessoas que fossem contra os propósitos do governo. No plano econômico também ocorreu grandes transformações, como a modernização da indústria e dos serviços, e o endividamento externo. Além disso, Santos (2009, p. 17) acrescenta que

Neste ano, Eder Jofre foi campeão mundial de boxe, peso-galo, Brasília foi inaugurada, as cabeças de lampião e Maria Bonita foram, enfim, sepultadas, a Revolução cubana se declarou socialista pela voz afunilada de Fidel, Caryl Chessman, bandido americano que se tornou escritor no corredor da morte, foi, enfim, executado, caiu preso mais uma vez Promessinha, bandido paulistano que perguntava às vítimas 'quer um tiro ou um beliscão' preferindo a segunda ele puxava um alicate e lhes arrancava o umbigo, Doutor Jivago, do russo Boris Pasternack, se tornava Best-seller também no Brasil, o shopping center Iguatemi, templo de compras, entrou em funcionamento, prelibando, os que viriam depois, Maria Ester Bueno, granfina quatrocentona, ganhou o mundial de tênis, em cada esquina de São Paulo carrinhos amarelos, empurrados à mão, vendiam sorvete Kibom ou Sorvex, a cidade universitária, cinco milhões de metros quadrados, o pico do Jaraguá ao longe, saiu do papel, Rock e juventude se tornaram sinônimos, nylon e elegância, avião e Panai, o inglês desbancava o francês na conversa dos granfinos, a Disneylândia entrava no sonho dos adolescentes do mundo todo, os Beatles estrearam em Hamburgo.

A história de Jesus poderia ter sido igual à de muitas mulheres pobres se não fosse por um detalhe: seu amor pela leitura e pela escrita. Dizia, "Todos têm um

ideal. O meu é gostar de ler”. JESUS (2007, p. 27) Escreveu poesias, peças de teatro, histórias e diários. Dentre estes, o livro intitulado *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada teve maior repercussão. Foi lançado em 1960, vendeu mais de 70 mil exemplares em suas primeiras edições, foi traduzido em treze línguas e publicado em mais de quarenta países. Neste, Jesus relata o seu cotidiano, expõe seus anseios, dramas, angústias e frustrações.

Alguns autores como Santos (2009) referem-se a autora como “escritora improvável”, pois, quem imaginaria que uma mulher negra e semianalfabeta, nas condições desfavoráveis em que esta se encontrava, pudesse publicar um livro? Diante desse questionamento é interessante destacar a trajetória de formação de Carolina Maria de Jesus como leitora e, conseqüentemente, como escritora. Para tanto, tomamos como base o texto da própria autora intitulado *Minha vida* que integra o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Este livro, publicado em 1994 é resultado de um trabalho coletivo de pesquisa e entrevistas liderado pelo historiador brasileiro, José Carlos Sebe Bom Meihy e pelo professor norte-americano de cultura latino-americana, Robert Levine. A pesquisa produzida por eles é considerada um dos mais consistentes estudos sobre a escritora.

Jesus nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, em 14 de março de 1914. Nesta época o Brasil era governado pelo Regime conhecido como café-com-leite. Os dois estados mais ricos fizeram um acordo político. O grande exportador de café, São Paulo elegeria presidente um candidato paulista. Na eleição seguinte o grande produtor de leite, Minas Gerais, elegeria um candidato mineiro. Estes dois estados eram bastante populosos, fortes politicamente e berços de duas das principais legendas republicanas: o Partido Republicano Paulista e o Partido Republicano Mineiro. São Paulo era a maior força política e Minas Gerais tinha o maior eleitorado do país.

Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, o preço do café brasileiro caiu drasticamente, o que levou os cafeicultores paulistas a sofrerem uma crise de superprodução. Esta fragilidade econômica de São Paulo foi decisiva para que Minas Gerais se unisse ao Rio Grande do Sul e à Paraíba, formando a chamada Aliança Liberal, a qual resultou na eleição do gaúcho Getúlio Vargas à presidência encerrando o ciclo da política café-com-leite em 1930.

No ano em que Carolina Maria de Jesus nasceu foi o mineiro Venceslau Brás Pereira Gomes, [advogado](#) e político [brasileiro](#), quem estava na presidência e tinha

como vice, [Urbano Santos da Costa Araújo](#). Entre as ações efetuadas em sua gestão, destacam-se o combate a Guerra do Contestado, crise herdada do governo anterior, definiu em 1916 os atuais limites entre Paraná e Santa Catarina. Enfrentou também diversas manifestações militares, entre elas a Revolta dos Sargentos em 1915, que envolvia suboficiais e sargentos. Durante seu mandato ocorreu ainda a Primeira Guerra Mundial, a Gripe Espanhola, e as Greves de operários de 1917.

Carolina Maria de Jesus viveu sua infância e parte da adolescência em Sacramento. Neta de ex-escravos, seu avô teve papel importante em sua formação leitora, uma vez que era contador de histórias, e estas a fascinavam Jesus.

Começou a frequentar a escola aos sete anos de idade, porém, não se mostrava muito interessada em aprender a ler, pois era apegada a sua mãe e não queria ficar longe dela. Com intenção de mantê-la na escola, a professora D. Lanita desenhou no quadro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e disse-lhe:

‘D. Carolina, este homem é o inspetor e a criança que não aprender a ler até o fim do ano, ele espeta-a no garfo. No fim do ano, ele vem aqui. E eu vou-lhe apresentar-lhe a ele’. Aquele desenho impressionou-me profundamente. (...) Eu olhava o desenho e olhava o meu livro que estava sujo, sem capa e enrolado. Chegando em casa pisei brasas no ferro, aqueci-o e passei as folhas do meu livro. A cartilha Nacional. (1994, p.174)

Carolina Maria de Jesus então sentiu medo e aprendeu a ler depois de três meses, o que lhe causou grande euforia. A partir de então, ela não parou mais de ler, passou a ser uma das melhores alunas da classe. Destacava-se em uma turma de alunos negros e brancos. Seu fascínio pela leitura, provavelmente ajudou a distinguir-se entre os outros. Entretanto, precisou sair da escola devido as dificuldades financeiras enfrentadas pela sua mãe e seu padrasto para permanecerem na cidade. “Chorei porque ainda faltavam dois anos para eu receber meu diploma.” (1994, p.176)

A família se mudou para uma fazenda na região de Uberaba. No entanto, mesmo com o trabalho pesado da zona rural, Jesus ainda encontrava tempo para ler. “Duas coisas que eu gostava. Da terra que multiplicava e dos livros que me esclarecia, eu fui formando minha personalidade e o meu caráter porque, lendo e observando, adquire-se conhecimentos sólidos.” (1994, p. 178)

Depois de quatro anos, a família retornou para Sacramento. Contudo, a futura escritora não estava satisfeita, pois sentia falta da vida na fazenda. Também não se relacionava com os jovens de sua idade, buscando refúgio nos livros. “Para não pensar na vida eu lia. Sempre aparecia quem me emprestava um livro para eu ler. Eu ia compreendendo que não é difícil ser leitora.” (1994, p.182)

Após algum tempo, mudaram-se para uma fazenda no interior paulista, entretanto não ficaram ali por mais de um ano. Jesus começa então a trabalhar como doméstica na cidade de Franca, enquanto sua família volta para Sacramento. Ela trabalhou para várias famílias, mas nem sempre recebia pagamento, assim, decide ir para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Ao chegar na cidade ela ficou admirada com o modo de vida e a movimentação das pessoas. Observava tudo o que presenciava e sentia-se incomodada com isto, então concluía: “Que desordem mental tremenda. Sentia ideias que eu desconhecia como se fosse alguém ditando algo na minha mente... e um dia apoderou-se de mim um desejo de escrever: escrevi.” (1994,p.185). Nasceu então a escritora Carolina Maria de Jesus.

Quando trabalhava em casas de famílias, Jesus não passava fome, mas gostava de liberdade, queria sair e namorar, o que não era permitido pelos patrões. Aos 34 anos engravidou de um estrangeiro e teve o seu primeiro filho, João José. Depois disso não conseguiu mais trabalho como doméstica. Então, se reuniu com um grupo de pessoas que chegavam a capital de São Paulo e se estabeleceram as margens do Rio Tietê, dando origem a favela do Canindé. De acordo com MEIHY; LEVINE (1994, p.220),

Carolina escolheu a favela do Canindé, sítio ermo e situado próximo a um depósito de lixo. O lixo desde cedo então passou a ser o seu ganha-pão, metáfora perfeita da circunstância sócio-econômica brasileira da imensa fatia que nunca teve propriedade.

A situação de Jesus se complicou ainda mais após o nascimento de seus outros dois filhos, José Carlos e Vera Eunice. Ela lutava pela sobrevivência, numa batalha diária contra a fome. Passou a trabalhar como catadora de papel e lia tudo que encontrava no lixo. SANTOS (2009, p. 24) afirma que

Carolina catou cadernos e livros no lixo. Talvez o fizesse evitando olhares, como os antigos mineiros que contavam o dinheiro no próprio bolso: ler e escrever num país em que a instrução é monopólio dos de cima tem algo de obscuro. Se todos andassem nus, não se notaria quem saísse assim na rua; se todos, ou quase todos, lessem e escrevessem, não se estranharia quem porta livros.

Também nunca deixou de escrever, narrava com riqueza de detalhes a vida na favela. O exercício da leitura e da escrita para ela era uma forma de resistência diante dos problemas enfrentados. Conforme SANTOS (2009, p. 25),

Carolina foi o que os dicionários chamam de grafomaníaca: pessoa com tendência compulsiva, doentia, de fazer registros gráficos, rabiscos e, especialmente, escrever em qualquer superfície ou material imediatamente acessível. Vício de escrevinhar, ser infeliz se passar um dia sem escrever.

O seu gosto por tais atividades, a distinguiam dos outros moradores da favela, que não compreendiam a sua paixão pela leitura e pela escrita. Jesus preferia ler ou escrever ao invés de ficar nas ruas conversando. “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!”. (JESUS, 2007, p.25). Nas práticas de leitura e escrita, ela encontrava refúgio, era uma forma de esquecer que se encontrava na favela, e sonhar com outra vida para si.

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2007, p.60)

Para ARAUJO (2006, p 57), “ler é desvelar nossos sonhos mais requintados, os sonhos mais escondidos em nosso inconsciente, fazer desabrochar todos os sonhos e fantasias e brigar pela pertinácia desses sonhos”

Os escritos de Carolina Maria de Jesus foram descobertos pelo jornalista Audálio Dantas, quando este foi fazer uma reportagem sobre os problemas da favela do Canindé. Ao ler a primeira página do diário, ele percebeu tratar-se de algo muito importante, pois quem melhor contaria a vida na favela senão um próprio morador?

Dantas publicou algumas reportagens sobre Jesus e mais tarde conseguiu publicar o livro *Quarto de despejo*.

Além do sucesso no Brasil, a obra chamou a atenção de revistas internacionais de diversos países. A autora ganhou dinheiro e realizou seu sonho. Desse modo, percebe-se que a leitura e a escrita desempenharam um papel transformador para Carolina Maria de Jesus, já que, é através da escrita que ela formula e reformula sua realidade. É na leitura que ela transcende a sua condição marginal, é por meio da escrita que ela alcança o sonho de sair da favela e morar em uma casa de alvenaria.

Capítulo II

QUARTO DE DESPEJO: A MULHER, A PESSOA, A SOCIEDADE

A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher 'de cor', pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. O que a distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus promotores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade. Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas, da herança racista, anti-interiorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo, uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19)

A mulher sempre esteve em situação desfavorável na sociedade patriarcal. Não podia manifestar-se de forma autônoma, devendo viver de maneira submissa, seguindo os moldes do mundo machista. Desde a mais tenra idade era educada para cuidar da casa e dos filhos, cumprindo seu papel de esposa e mãe. Porém,

Carolina Maria de Jesus assim, como tantas mulheres, fugiu a esta regra. Mulher independente, não possuía um lar de acordo com os padrões convencionados pela sociedade. Mãe de três filhos, sentia-se orgulhosa por não ter se casado, pois frequentemente presenciava cenas de violência sofrida pelas mulheres da favela por parte de seus maridos. Jesus sentia-se indignada com a situação destas mulheres e reafirmava sua posição de mulher solteira:

(...) Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. (...) E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite, enquanto elas pede socorro eu tranqüilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres da favela que levam vida de escravas indianas. (...) Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 2007, p.16)

Além disso, a escritora acreditava que se mantivesse um relacionamento conjugal seria impedida de ler e escrever, atividades das quais ela não abria mão.

O pensamento de Jesus deve-se a consciência das situações vivenciadas pelas mulheres ao longo da história, pois durante muitos séculos elas foram vistas simplesmente como reprodutoras, não tinham direito de frequentarem os ambientes escolares, nem ter acesso a livros, eram educadas simplesmente para cuidar dos filhos e da casa.

Porém, no século XIX, a escolarização feminina foi o ponto inicial para a construção da identidade da mulher como um ser social e político, pois, até então, apenas os homens podiam ler e escrever.. Em relação a educação GOTLIB (2004, p. 27) diz que:

De modo geral, ao homem era de praxe se ensinar a ler, a escrever e contar, e a mulher, a coser, lavar, a fazer renda e todos os misteres femininos, que incluía a reza. Se muitas mulheres, sobretudo irmãs fêmeas e sem dote, eram depositadas em conventos, muitas também passaram a manter escolas no próprio espaço privado, ai ensinando leitura, música, corte e costura.

A posição da mulher no meio social vem sofrendo evoluções através de diferentes momentos históricos, à custa de muitas lutas. No início do século XX as idéias feministas começam a surgir no Brasil. TELES *apud* Moreira (2011, p. 57) afirma que

o movimento feminista refere-se as ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história.

Moreira (2011) esclarece que em 1920, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderado pela bióloga Bertha Lutz objetivava promover a educação da mulher, elevar o nível de instrução feminina, proteger as mães e a infância, obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino, auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-las na escolha de uma profissão, estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres, interessá-las para as questões sociais e de alcance público, e assegurar a mulher direitos políticos. De acordo com a autora, a reivindicação das mulheres, durante a década de 20, pautava-se na luta pela conquista dos direitos políticos, condição que daria a elas, pelo menos as mulheres brancas e da elite, a possibilidade de igualdade perante os homens, que já contavam com direitos de representação política.

Paralelamente a este feminismo defendido pelas mulheres burguesas, surgiu também o movimento feminista das mulheres operárias que lutavam contra a exploração da força de trabalho, econômica e sexual exercida pelos patrões. Este movimento estava preocupado com as questões que regiam e fundamentavam as relações de exploração na sociedade capitalista.

A partir dos anos 60 o movimento feminista emerge com mais intensidade. Para Moreira (2011), este foi um movimento modernizante por meio do qual houve uma desestabilização nas relações entre os sexos, também foi evolucionista por capitalizar essa desestabilização para fortalecimento de uma determinada concepção de transformação social e, por incentivar muitas mulheres a engajarem-se no processo, teve ainda caráter estruturalista. Entretanto, com o golpe militar de 1964, os movimentos de mulheres foram silenciados, mas as mulheres se mobilizaram, engajando-se na participação efetiva de construção do processo de

democratização, inserindo-se em movimentos que protestavam contra o fechamento dos espaços políticos tradicionais, durante este regime autoritário, e também reivindicando o alto custo de vida.

Com o movimento feminista, as mulheres brasileiras organizam-se numa luta voltada para a conquista da cidadania e do reconhecimento de que sua ausência nas tomadas de decisões referentes a sociedade devia-se a sua condição de mulher. Este movimento foi, portanto, fundamental para promover a participação da mulher em todas as esferas da sociedade, de forma que Toscano e Goldenberg (1992, p. 104) destacam

(...). As mulheres atualmente votam, têm assegurada por lei a liberdade de escolher seu trabalho, sua carreira, seu marido; tem voz ativa da disposição dos bens do casal, podem candidatar-se a cargos públicos em suma, são cidadãs com plenitude de direitos.

Carolina Maria de Jesus não chegou a fazer parte de nenhum movimento feminista, “rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi musa de causas coletivas”. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19). Foi uma mulher ativa e questionadora, que se posicionava de maneira crítica frente a sociedade elitizada. Ela assume a posição de mulher, defensora dos favelados, utilizando a única arma que tinha acesso: a escrita. Mostra com palavras o mundo ao seu redor, representa a voz dos excluídos, dizia: “aqui na favela quase todos lutam com dificuldade para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros. (JESUS, 2007, p.37).

Através da obra *Quarto de Despejo* é possível conhecer o contexto da cidade de São Paulo na década de 50, marcado pela contradição entre a crescente urbanização e industrialização e a pobreza e exclusão, além de compreender as transformações no plano político, histórico e social.

Devido ao crescimento industrial na área urbana a capital paulista atraía milhares de trabalhadores, que assim como Carolina Maria de Jesus buscavam melhores condições de vida. Entretanto, o cenário encontrado por eles era permeado pela desigualdade social, que se acentuava ainda mais com a chegada de imigrantes, que se instalavam em moradias improvisadas, sem infra-estrutura. Em seus registros a autora mostra o contraste da cidade moderna que se

desenvolvia marcada pela desigualdade social, construída de forma injusta e hierarquizada.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2007, p.38).

Ela define a favela como o quintal onde se joga o lixo, acredita que este não é um bom lugar para se viver. “Eu classifico São Paulo, assim: O Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2007, p. 32).

Carolina Maria de Jesus tinha consciência do descaso dos governantes em relação as classes marginalizadas, e sabia que a favela era um ambiente esquecido pelos políticos que só apareciam às vésperas de eleição.

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. [...] Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (JESUS, 2007, p. 32).

No plano político, o período se caracterizava pela era populista. Os governantes se destacavam pelo carisma e ações que se dirigiam a população de baixa renda. Tomaram medidas como a redução da jornada de trabalho e o piso salarial mínimo, o que os fortalecia ainda mais. Contudo, tinham como principal objetivo o desenvolvimento da indústria e da economia capitalista.

Em *Quarto de despejo*, Jesus deixa clara sua insatisfação em relação ao governo populista. Esta se preocupava com os problemas sociais que deveriam ser solucionados pelos governantes, envolvidos principalmente com o projeto de desenvolvimento da cidade. Com consciência e senso crítico inigualáveis, adquiridos devido ao seu gosto pelas práticas de leitura e escrita, a autora faz crítica aos políticos e a sociedade da época.

Ademar de Barros, médico de família rica foi um dos principais populistas brasileiros. Foi deputado estadual, interventor nomeado pelo Estado Novo de 1938 a

1941 e governador de 1947 a 1951. Ele impressionava os pobres pela exaltação do trabalho honesto e as construções de obras públicas. No entanto, muitos afirmavam que ele trabalhava, porém, era corrupto. Em relação a este político, SANTOS (2009, p. 83) afirma que

Fez muito, como queriam os devotos: Plano de Casa Própria Popular, conclusão do Hospital das Clínicas_ 'o maior da América Latina', demorado como a Sé de Braga-, escolas industriais profissionalizantes no interior etc. Roubou tanto que o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo o condenou a dois anos de reclusão. Exilado por um ano na Bolívia, ao voltar o elegeram de novo governador.

Jesus (2007, p. 87) fala sobre Ademar de Barros lembrando que este é rico, e não necessita trabalhar como os pobres. “Bem: vamos deixar o Dr. Ademar em paz porque ele está com a vida mansa. Não passa fome. Não come nas latas de lixo igual os pobres.”

Na década 1956 Juscelino Kubistchek é eleito presidente do Brasil. Em seu discurso Kubistchek afirmava que o destino do país era tomar o caminho do desenvolvimento e que a solução para o crescimento seria a industrialização. Entretanto, Carolina Maria de Jesus demonstra certo descontentamento com o então presidente,

Quando um político diz em seus discursos que esta ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já esta ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-serrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (Jesus, 2007, p.39)

A construção de Brasília como a nova capital do país foi o símbolo escolhido como o sinal dos novos tempos, além de ter servido para desviar a atenção de muitos problemas difíceis no setor social e econômico. Para Jesus os esforços do presidente em conquistar a simpatia popular não surtiram efeito, apenas serviram para ampliar sua antipatia por ele. Nesse sentido, ela explicita que

[...] o que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo em uma gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves na gaiola. E os favelados são os gatos. Tem fome”. (JESUS, 2007, p. 36)

No ano de 1960, Jânio Quadros torna-se presidente. Ele promete acabar com a corrupção, e combater a inflação, entretanto, com as medidas tomadas não obteve êxito, os salários dos operários foram congelados e a facilidade de acesso dos burgueses ao crédito diminuiu. Diante disso, Jânio Quadros perdeu o apoio tanto da classe popular, quanto dos burgueses, e renunciou a presidência em 25 de agosto de 1961. Assim como os outros políticos, este também foi alfinetado por Jesus: “Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos”. (2007, p.24-28.)

A fome parece em seus relatos frequentemente. Carolina Maria de Jesus preocupava-se todos os dias em conseguir dinheiro para comprar alimentos para si e para os filhos, lutando diariamente pela sobrevivência. Ela atribui este problema aos políticos, porém, tece suas críticas não apenas para com aqueles que já estão exercendo um cargo político, mas também alerta aqueles que almejam um dia chegar a ocupar um dos altos escalões do governo. Com relação a isso ela diz

O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. (...) O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (JESUS, 2007, p.30).

2.1 A cor na pele, a cor na vida

Carolina Maria de Jesus como tantos negros brasileiros teve sua história marcada pelo preconceito racial. Em *Quarto de Despejo* ela revela consciência de seu lugar social, pois sabe que sofre preconceitos não apenas por questões sociais, mas também étnicas. Relata momentos em que vivencia o racismo, mas se auto-afirma como mulher negra.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: – É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele

negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2007,p.65)

A autora questiona constantemente as condições sub-humanas e miseráveis em que se encontram os negros no país. Isso porque durante muito tempo os negros não eram considerados sujeitos, e ao serem escravizados, passaram a ser objetos de transações mercantis. Os escravos eram trazidos do continente africano, transportados dentro dos porões de navios negreiros. As condições destes transportes eram péssimas, muitos adoeciam e até mesmo morriam na viagem. Ao chegarem aos portos, eles eram comprados por fazendeiros para executarem trabalhos em suas fazendas, onde eram humilhados e maltratados.

Muitos não se conformavam com esta situação, então se rebelavam e fugiam. Havia também os abolicionistas que não eram escravos, mas defendiam as questões relacionadas aos negros, e até os auxiliavam em fugas, dando esconderijo e impedindo a venda. Estes eram vítimas de perseguições, agressões e até mesmo assassinatos.

Nas décadas de 1870 e 1880 emergiu uma forte onda de indignação popular, em que pessoas livres e pobres se manifestaram contra a venda e o embarque de escravos para outras províncias, enfrentando as forças policiais que perseguiram os escravos fugidos. Com a intensificação de movimentos contra a escravidão, as autoridades brasileiras perceberam que ela era aspirada por muitos, e não somente por escravos, mas também por pessoas livres com quem eles contavam para lutar por liberdade.

Contudo, não foram apenas as fugas que enfraqueceram a escravidão, mas também uma sucessão de revoltas de escravos que ocorreram em diversas cidades brasileiras no início da década de 1880. Assim, diante desses inúmeros conflitos e tensões, a princesa Isabel assinou a Lei em 13 de Maio de 1888 que extinguiu a escravidão no Brasil. A partir de então, os negros foram oficialmente considerados livres, porém esta lei não indenizou os escravos pelos anos de trabalho forçados prestados aos senhores nem garantiu terras para o seu sustento. Com a abolição, os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Sua inserção como sujeitos na sociedade ocorreu de forma gradativa e lenta, devido a inúmeras lutas.

Nesse sentido, o empenho de movimentos Negros foi fundamental para a conquista de direitos e inclusão dos negros como cidadãos. A exemplo, podemos citar a Frente Negra Brasileira que fundada na década de 30, em São Paulo, empenhou-se na luta pelos direitos dos negros e contra a discriminação racial. Tinha como princípio a integração destes, por meio da educação, porém boa parte de suas atividades eram focadas na esfera política transformando-se, em 1936, em partido político.

O Teatro Experimental do Negro, representado por Abdias Nascimento, surgido nos anos 50 na cidade do Rio de Janeiro, teve o propósito de, por meio das artes cênicas, abrir possibilidades para atores e atrizes negros, integrando-os no meio artístico, antes predominantemente composto por brancos. Procurava resgatar os complexos de inferioridade do negro que na literatura jamais ocupou o papel de herói, mas sempre o de vilão, ou subordinado. Este movimento adquiriu um caráter ainda mais amplo quando publicou o jornal Quilombo, passou a oferecer cursos de alfabetização, corte e costura e fundou o Instituto Nacional do Negro.

O Movimento Negro Unificado emerge na década de 70, também na cidade de São Paulo e representa uma nova roupagem de reivindicações dos grupos negros. Consegue estabelecer uma articulação com as organizações e entidades que surgiram nas décadas seguintes. O nascimento do MNU marcou a história do protesto negro do país, porque foi desenvolvida a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações anti-racistas nacionalmente, com as de outros segmentos oprimidos da sociedade. Naquele período, o movimento negro passou a intervir no campo educacional, questionando os conteúdos preconceituosos dos livros didáticos, a capacitação de professores para o desenvolvimento de trabalhos voltados para a questão étnica, a reavaliação do papel do negro na história do Brasil, a inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares e a emergência de uma literatura negra. A atuação destes movimentos negros foi fundamental para o resgate da identidade e fortalecimento da auto-estima, seriamente afetada pela escravidão e pelo racismo.

Jesus não se engajou em nenhum destes movimentos. Apesar do desejo de intelectuais e artistas negros em tê-la como aliada nas lutas anti-racistas, ela se recusava. Não teve a intenção de fazer uma obra socialmente engajada, como elemento para a luta de algum movimento negro, embora tenha dado ênfase às questões raciais em sua obra. Jesus tinha consciência da situação dos

afrodescendentes, que em sua maioria eram pobres e sofriam diante da fome, miséria, doenças e alcoolismo, além de serem vítimas de preconceitos que tornavam a existência ainda mais difícil. A autora narra momentos em que não apenas sofre, como também presencia o racismo, e lembra que a escravidão apesar de ter acabado, parece ainda continuar. Em *Quarto de despejo* lê-se, no dia em que se comemora a Abolição:

Hoje é o dia que comemora a libertação dos escravos. (...) A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. (...) E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2007, p.31-32).

As condições de vida em que Jesus se encontrava eram comuns aos negros na pós-abolição: migrante rural, semianalfabeta, baixa escolarização e moradora de cortiço. Nesse contexto, a cor da pele muitas vezes, funcionava como critério de seleção para o mercado de trabalho, variando conforme a ocupação do cargo. Aqueles de maior hierarquia e que exigiam um alto grau de instrução eram destinados aos brancos, enquanto aos negros restava o trabalho árduo, menos remunerado e de menor prestígio social. A estrutura social daquele momento é questionada e criticada pela autora.

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 2007, p.108)

Sendo uma mulher negra e habitando numa sociedade pós-escravidão predominantemente racista, Carolina Maria de Jesus foi vítima de políticas disciplinares, já que, a posição social em que as mulheres negras se encontravam as obrigava a ter um comportamento que não condizia com o comportamento modelar vigente na época. Desse modo, elas aprenderam a lidar com a rua e o espaço público com mais facilidade, pois necessitavam conseguir recursos para garantirem a sobrevivência.

Por meio do trabalho, da culinária e dos mais variados biscates, as mulheres conseguiam garantir, mesmo que em bases precárias, o sustento dos seus. Era comum que as crianças tivessem apenas mãe. A figura do pai, quando não era desconhecida, tinha pouca expressividade. Nesse contexto, cabia sempre à mulher as maiores responsabilidades e encargos. (VELLOSO *apud* MOREIRA, 2011, p.33)

Jesus, antes de tornar-se escritora teve um papel social reservado às mulheres negras da época, trabalhou como doméstica, sabia cozinhar e cuidar da casa. Porém, ao engravidar de seu primeiro filho e ser dispensada do seu trabalho, teve dificuldades. Diante disso, mudou-se para a favela do Canindé e foi catadora de papel. Mãe solteira tornou-se chefe de família, pois era necessário alimentar e vestir os seus filhos.

A ausência de uma figura masculina na estrutura familiar não é peculiaridade dos grupos africanos, contudo não se pode ignorar que ela se repete nas sucessivas gerações negras por motivos praticamente invariáveis: falta de recurso para saúde, educação, abandono paterno durante a gravidez, violência doméstica contra a mulher, alcoolismo. (CÔRTEZ *apud* MOREIRA, 2011, p.29)

Segundo Moreira (2011), entre as várias atividades exercidas pelas mulheres negras, a chefia de família é a mais recorrente, uma vez que a maioria das famílias chefiadas por mulheres negras são as mais pobres. Chefias de famílias e trabalhadoras domésticas têm sido os lugares principais ocupados nas trajetórias representacionais de uma parcela das mulheres negras. O que demonstra resquícios do período escravista. Elas sempre foram vistas como objeto para satisfação das necessidades e dos desejos dos brancos. A servidão foi sempre o papel social designado a esta na sociedade. Para elas, estavam reservadas as tarefas domésticas, de amas-de-leite, cozinheiras, lavadeiras e babás. E é essa a imagem das mulheres negras que vinha sendo passada há séculos.

Apesar da histórica opressão sofrida pelos negros, Carolina Maria de Jesus demonstra em sua escrita possuir uma imagem bem formada de si, tinha orgulho de ser negra. Para Neuza Santos:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetidas a exigências, mas é também, e sobre tudo, a experiência de comprometer-se de resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Santos, 1983, p.17-18)

Mediante isso, percebemos que nas práticas de leitura e escrita Carolina Maria de Jesus encontrou uma forma de recriar sua história. Através destas, ela imortalizou-se por meio do seu texto, apresentando o cotidiano da favela, crítica social e consciência política, reafirmando sua existência diante da sociedade e do universo literário. Também, a partir de sua escrita levantou algumas bandeiras em prol das mulheres em igual situação de inferioridade e menos favorecidos, pois, sua voz representa os grupos marginalizados ao chamar a atenção para o modo de vida sub-humano em que vivem.

Capítulo III

A MÃO NEGRA NA LITERATURA: CAROLINA MARIA DE JESUS

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro nem é autônoma está assinalada por autores, obras, temas invenções literárias. (Ianni, 1988, p.208)

A literatura é arte, é expressão dos desejos e sentimentos humanos, além disso, é um meio através do qual é possível recriar aspectos do mundo real em mundos imaginários. Ela possui inúmeras finalidades: entreter, emocionar, expressar sentimentos, denunciar problemas sociais, entre outros. Para LAJOLO (1985, p.7), “[...] a literatura é uma atividade artística que sob multiformes modulações tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e angústia, a certeza e os enigmas do homem.”

O autor de obras literárias muitas vezes, exprime em seu texto o contexto em que vive, representando a realidade, levando o leitor a compreender melhor o

mundo a sua volta e a posicionar-se diante dele. A literatura assume então muitos papéis sociais, em *Quarto de despejo*, ela é, também, uma forma de denúncia e crítica dos problemas da sociedade.

Além disso, a literatura é ainda um instrumento de mobilização social, e também de humanização, pois ao lermos um texto como o de Carolina Maria de Jesus é, praticamente, impossível não se sensibilizar e refletir diante da narrativa real de sua história. Tomamos aqui o conceito de humanização na visão de Candido (1995, p. 249). Segundo ele, humanização é

(...) o processo que confirma no homem aqueles aspectos que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.”

Assim, a literatura, sobretudo, a literatura afro-brasileira, em que se insere a obra de Carolina Maria de Jesus nos humaniza a medida que retrata aspectos reais da sociedade, resgata memórias e ainda discute temas polêmicos como a fome e a dominação política.

Tratando-se da literatura negra no *corpus* da literatura nacional, é possível perceber a sua histórica marginalização. Na sociedade escravocrata os negros não eram considerados sujeitos e, portanto, não tinham o direito de vivenciar a sua própria cultura, valores e crenças. Com a abolição do tráfico negreiro em 1850, escritores voltaram sua atenção para o modo como os escravos viviam e eram tratados. Segundo Lobo (1993), no ano de 1859 foi publicado em São Luis do Maranhão um dos primeiros livros do gênero literatura negra, escrito por uma mulher no Brasil, e o primeiro a mencionar a causa abolicionista, o romance *Úrsula*, da escritora, Maria Firmina dos Reis.

Durante o período romântico os escritores estavam empenhados na construção da identidade nacional, e este espírito nacionalista foi representado pela figura do índio, indianista. Nesse contexto, o negro também aparece na literatura como escravo e resignado, contracenando com o índio que era descrito como corajoso.

Com o início do movimento abolicionista surge na obra *A escrava Isaura*, do autor Bernardo Guimarães, publicada no ano de 1875, uma escrava descrita positivamente, porém, com características brancas. Castro Alves também abordou os escravos em suas obras, contudo, de acordo com Filho (1998), apesar de empenho consciente e entusiasmo, o poeta, não consegue livrar-se, nos seus textos, das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista.

Somente na fase naturalista/realista o negro aparece pela primeira vez como personagem principal, denunciando preconceitos de raça. Porém, nesta fase, apesar das personagens negras serem abundantemente abordadas na literatura, ainda há uma predominância de estereótipos, claramente preconceituosos. Mesmo após a abolição da escravatura a imagem do negro na literatura não sofre grandes alterações.

Lobo (1993) afirma que o modernismo foi o movimento que mais multiplicou estereótipos, já que os autores modernistas, no alto de sua liberdade moral e política contaram com poucos expoentes negros que pusessem o negro na sua verdadeira perspectiva histórica. A exemplo citamos o autor negro Lima Barreto que em seu livro *Clara dos Anjos*, escrito em 1922 denuncia o preconceito. Conforme FILHO (1998, p. 176)),

o posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negro, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados, com marcar, em suas obras, afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira.

Diante disso, percebe-se que a literatura negra representa a busca pela conquista de um espaço que lhes fora negado durante um longo período da história. Dentro desse contexto LOBO (1993, p. 91) esclarece:

Um dos aspectos primordiais que ao meu ver define a literatura negra, muito embora não seja um elemento norteador, em geral, dos estudos sobre o assunto, é o fato de a literatura negra do Brasil – ou afro-brasileira – ter surgido quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história; quando o negro visto geralmente de forma estereotipada, deixa de ser tema para autores brancos para criarem sua

própria escritura no sentido de Derrida: a sua própria visão de mundo. Só pode ser considerada literatura negra, portanto, a escritura de africanos e seus descendentes que assumem ideologicamente a identidade de negros.

A literatura negra representa a voz de um povo que reivindica bem mais que o reconhecimento de suas memórias e os valores de seus ancestrais, mas também contesta todo um regime escravagista e excludente. Duarte (2002) também apresenta elementos que diferenciam e conferem especificidade à produção literária dos brasileiros descendentes de africanos. O autor afirma que um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à literatura afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas conseqüências ou ir até à glorificação de heróis negros. No entanto, o tema negro não é o único, nem obrigatório para o autor afro-descendente. Além disso, a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e o ponto de vista.

A autoria dessa literatura é proveniente do autor afro-brasileiro, abarcando as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Contudo, Duarte (2002) lembra que literatura é discursividade e a cor da pele ganhará importância enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual. Deste modo, a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista, pois não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população.

No que se refere à linguagem, a literatura afro-brasileira é fundada na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas lingüísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil.

A formação de um público-leitor afro-descendente também se constitui como um fator de intencionalidade próprio a essa literatura. Porém, o sujeito que escreve visa atingir todos os segmentos da população, pois compreende o importante papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade. É esse compromisso que afirma a busca pela reversão de valores e o combate a discriminação racial

ênfatizando o papel social da literatura na construção da auto-estima dos afro-descendentes.

Nesse sentido, a obra de Carolina Maria de Jesus torna-se relevante a medida que esboça o comprometimento da autora em denunciar a situação social a que eram submetidos negros, mulheres e menos favorecidos, além de contribuir na vida desta para a valorização de sua auto-estima, e sua reconstrução enquanto sujeito Segundo o pesquisador Meihy (sd)

A produção de Carolina Maria de Jesus se classifica como literatura negra, pois a atividade desenvolvida por ela se diferenciava das demais formas de sucesso social possibilitadas aos negros, já que em geral, eles subiam na escala social através de atividades artísticas como o samba ou esportivas como o futebol, Jesus por sua vez, alcançou destaque através das letras, tornando-se um dos maiores sucessos de vendagem da história.

No entanto, apesar do desejo de ser reconhecida como escritora, Carolina Maria de Jesus não conseguiu se estabelecer como tal, devido ao fato de sua escrita não corresponder ao padrão literário proposto pelos críticos da época. Sousa (2004, p. 131) salienta que

Ser escritor no Brasil (daquela época e ainda no de hoje) é, sobretudo, pertencer a uma determinada classe social escolarizada e que domina os códigos daquilo que o comparatista uruguaio Angel Rama chama de 'cidade letrada'. É estar, pois, inserido dentro de um mercado de publicação, um mercado cultural, no qual a criação faz parte de uma rede de produção, de distribuição e de publicidade; enfim, de uma rede de compra e venda.

As obras de Jesus foram julgadas de maneira descontextualizada e fragmentada. A crítica exigiu dela o domínio da arte padronizada, e da linguagem culta, apontando aspectos, que consideravam deficiências formais, temáticas e lingüísticas, desprezando os pontos fortes de sua escrita e esquecendo suas origens. É perceptível que os críticos ao considerarem apenas o cânone como literatura, não se dão conta de que o que está à margem do cânone também pode ser literário. Cândido (1995, p. 245) afirma que literatura é

todas as criações de toque poético, ficcional ou dinâmico em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos

folclore chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Mediante isso, compreendemos que a obra de Carolina Maria de Jesus configura-se como literatura, pois é carregada por uma linguagem poética, ao narrar o cotidiano em que vivia, misturando ficção e realidade. Além disso, evidencia-se também como literatura negra já que apresenta todas as características apontadas por Duarte como sendo próprias deste gênero. A obra de Jesus reafirma a necessidade de se valorizar e difundir, especialmente, a literatura afro-brasileira, que ainda se encontra as margens dos padrões canônicos estabelecidos pela crítica literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura na maior parte das vezes está relacionada com a decifração dos códigos lingüísticos e sua aprendizagem. No entanto, não se pode deixar de levar em consideração o processo de formação social do indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social. Nesse sentido, ler não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes, pois, o leitor passa a entender melhor o seu universo, rompendo assim as barreiras, deixando a passividade de lado, encarando melhor a face da realidade.

Assim sendo, a leitura é uma atividade dinâmica que implica em uma interação entre texto, leitor e contexto, envolvendo uma série de elementos que compõem o processo. Ler não é um ato neutro, toda leitura nos traz mudanças, ensinamentos, reflexões. O ser humano pode compreender melhor o mundo e a si mesmo, tornando-se sujeito da sua própria história e conscientizando-se da sua participação social e política.

A partir dessa reflexão do sujeito sobre o mundo, a escrita surge como uma forma de organizar o pensamento, falar de si e do outro, escrever a própria história. Assim sendo, leitura e escrita são práticas indissociáveis.

Carolina Maria de Jesus representa bem o que as atividades de leitura e escrita podem fazer por uma pessoa, pois apesar do pouquíssimo tempo de formação

escolar, sua desenvoltura com a linguagem foi ampliada pela prática da leitura e resultou no exercício da escrita.

O contato íntimo com a leitura e a escrita influenciou seu modo de pensar e compreender o mundo tornando-a mais atenta a sua realidade e conduzindo-a a reflexão, o que lhe permitiu encarar os problemas com mais seriedade. Na situação difícil em que se encontrava, Jesus buscou em tais atividades conforto, fuga, mas, principalmente a transformação de sua realidade. Por meio da publicação da obra *Quarto de despejo* ela pôde realizar o sonho de sair da favela.

Apesar de a escritora não ter conseguido se estabelecer no campo literário como cânone sua obra se enquadra como literatura negra, visto que apresenta os aspectos característicos deste gênero.

Com consciência e senso crítico, a autora teceu críticas aos governantes da época, denunciou o preconceito racial e reafirmou sua condição de mulher negra e independente. Além disso, sua escrita nos sensibiliza e humaniza ao relatar sua história de vida marcada pela miséria e preconceitos de classe, cor e gênero, evidenciando os problemas que assolam a sociedade brasileira.

Mediante isso, percebe-se a fundamental importância da leitura e da escrita como formadoras do sujeito crítico/reflexivo, uma vez que, por meio do gosto e uso dessas atividades o indivíduo é capaz de construir-se e reconstruir-se enquanto sujeito, transformando-se em cidadãos livres.

REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995

COSTA, Marta Moraes da. **Sempre viva, a leitura**. Curitiba: Aymará, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Poética da Diversidade**. Belo Horizonte. UFMG/ FALE: Pós_Lit., 2002.

FILHO, Domício Proença. **O negro na literatura brasileira**. São Paulo, 1998.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em Questão**. Trad. Bruno Charle Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: Col. **Polêmicas do Nosso tempo**. São Paulo: Cortez, 1985.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GOTLIB, N. B. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: Izabel Brandão; Zahidé Muzart (Org.). **Refazendo nós**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. Disponível em: http://143.107.31.231/Acervo_Imagens/Revista/REV028/Media/REV28-06.pdf Acesso em: 14 de novembro de 2012, às 15 h.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KRAMER, Sônia. Escrita, experiências e formação: múltiplas possibilidades de criação de escrita. In: YUNES, Eliana, OSWALD, Maria Luiza (Org). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEVINE, R.; MEIHY, J. C. S. B. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Emblema do silêncio. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihyusp.html> Acesso em: 19 de outubro de 2012 as 15 h.

MOREIRA, Núbia Regina. **Organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

OSAKABE, H. O mundo da escrita. In: ABREU, Márcia (org.). **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras. 1995.

PINA, Patrícia Kátia da Costa; SAMPAIO, Dilcéia Almeida Almeida. Refletindo sobre os limites da leitura literária hoje. In: **Via Atlântica**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade do Estado de São Paulo- n° 20 - São Paulo, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5 ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____ **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus. O Estranho Diário da Escritora Vira-Lata**. [Tese Doutorado em Teoria Literária]– Universidade de Brasília – UnB, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro, As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e leitor**. RJ: PROLER, 2001.

_____ **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** Ponto Futuro; 3 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.